

UM SOLITÁRIO SENHOR PRESO EM MEMÓRIAS AMOROSAS

A LONELY GENTLEMAN TRAPPED IN LOVING MEMORIES

José Dantas da Silva Júnior¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a construção das memórias amorosas de um solitário senhor na obra *Memórias de minhas putas tristes*. A personagem principal está intrinsecamente presa em suas memórias e nos faz pensar sobre o comportamento humano e as vicissitudes da vida, independentemente da idade e das oportunidades que surgem ao longo do percurso natural humano. É válido dizer que utilizamos do método da análise crítica, partindo do texto literário e relacionando-o com aportes teóricos como Platão (2012); Barthes (1990); Ovídio (2006); Bauman (2004) e Giddens (1993).

Palavras-chave: *Memórias de minhas putas tristes*, Memórias amorosas, Protagonista.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the construction of the loving memories of a lonely man in the work *Memórias de minha putas tristes*. The main character is intrinsically trapped in his memories, intriguing, the protagonist, makes us think about human behavior and the vicissitudes of life, regardless of age and opportunities that arise along the natural human course. It is valid to say that we used the method of critical analysis, starting from the literary text and relating it to theoretical contributions such as Platão (2012); Barthes (1990); Ovidio (2006); Bauman (2004) and Giddens (1993).

Keywords: *Memórias de minhas putas tristes*, Loving memories, Protagonist.

Um caminho introdutório

Nesta obra, um senhor completa os seus noventa anos fazendo uma reflexão sobre suas memórias, sobre a sua história e sobre o seu atual estado amoroso com a personagem, carinhosamente chamada de Delgadina. Ela é uma prostituta, menor de idade, da casa clandestina de Rosa Cabarcas: “Hoje sei que não foi uma alucinação, e

¹ Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN), com projeto de pesquisa na linha Texto Literário, Crítica e Cultura. Atualmente é professor efetivo da Secretaria de Estado da Educação, da Ciência e Tecnologia da Paraíba. E-mail: juniordantasletras@gmail.com

sim um milagre a mais do primeiro amor da minha vida aos noventa anos” (MÁRQUEZ, 2010, p. 69). Este milagre do primeiro amor, sob qualquer forma, pode ser interpretado como a sua própria metade ou o encontro com o sentimento de felicidade e desejo do Bem, quando se ama a alguém.

O primeiro amor é o desejo de possuir sempre o Bem ou aquilo que nos completa, como postula a personagem Diotima, no livro *O banquete* (2012), de Platão. O senhor, personagem de Gabriel García Márquez, nesta descrição do romance, ama o amor por inteiro, intitulado a jovem Delgadina como uma figura particular de amor, ela é um milagre, criando, então, outro nome para especificar a sua amante. Nesta perspectiva, “o milagre do primeiro amor” consiste em definir o amor não como uma procura por uma metade, mas o amor como a definição do que seja o Bem platônico, isto é, Delgadina representa a elevação do sentimento amoroso. Nas falas de Diotima, em Platão (2012, p. 95), “[...] o amor será, em suma, o desejo de possuir sempre o bem”. Entendendo o “Bem” não como a representação física do “amado”, mas o que este amado significa no campo das ideias, do desejo e da felicidade.

Neste artigo, abordaremos sobre as relações amorosas vividas pelo personagem protagonista da obra *Memórias de minhas putas tristes* e em meio as discussões sobre o amor surgirão outros temas como a solidão, a velhice e outras temáticas que dialogam com o propósito da pesquisa. Destacamos as marcas que reforçam a construção do amor e algumas características da solidão vivida pelo protagonista aos 90 anos de idade.

Memórias amorosas e a construção da solidão

O protagonista trabalha no jornal *El diario de la paz*, como escritor de crônicas, a mais de uma década: “[...] hoje, aposentado, mas não vencido, gozo do privilégio sacro de escrever em casa, com o telefone fora do gancho para que ninguém me perturbe, e sem censor que espreite o que escrevo por cima de meu ombro” (MÁRQUEZ, 2010, p. 39). Sendo assim, essa obra traz as marcas de como as memórias colaboram para o surgimento da solidão amorosa, bem como a importância do tempo e das transformações sociais, na passagem do século XIX para o século XX, em que o progresso transformou as cidades e, inclusive, as relações humanas e de trabalho: “[...]tudo mudou; voaram os aviões e um homem de visão atirou um saco de cartas de

um Junker e inventou o correio aéreo” (MÁRQUEZ, 2010, p. 44). Mas, o que não muda, são o amor e a solidão amorosa que só se intensificam e se revigoram em cada nova relação.

Com efeito de suas escolhas, o senhor elege ter uma vida ativa, tanto no aspecto sexual quanto no profissional. Em razão disso, as suas relações amorosas são fugazes e vive uma longa solidão amorosa. Em outras palavras, o que se percebe ao analisar o protagonista é que ele vive um estado de solidão, uma solidão que também pode ser voluntária, por escolha – decide viver clandestinamente nos bordéis –, em uma perspectiva social.

Só aos noventa anos ele se apaixona pela jovem Delgadina, com quem teve contato na casa de Rosa Cabarcas. Contudo, ao longo do enredo, outras personagens surgem e demonstram que as suas escolhas o fizeram um sujeito solitário, enfatizando as inquietações pessoais muito mais do que, propriamente dito, as memórias das possíveis putas tristes.

Como já fora dito, a personagem principal narra, inicialmente, como foi o ano de seus noventa anos e, neste dia, quis dar-se como presente uma noite de amor com uma adolescente virgem. Tal relação se estende até o final da obra, e a virgem, assim como ele, passa por modificações particulares como será possível acompanhar no percorrer da análise. Entrelaçada ao ato da conquista da virgem, Rosa Cabarcas, a dona do prostíbulo, é um dos nomes mais citados na obra, figura como uma possível amiga dos tempos de outrora:

No ano de meus noventa anos quis me dar de presente uma noite de amor louco com uma adolescente virgem. Lembrei de Rosa Cabarcas, a dona de uma casa clandestina que costumava avisar aos seus bons clientes quando tinha alguma novidade disponível. [...] Era um pouco mais nova que eu, e não sabia dela fazia tantos anos que podia muito bem-estar morta (MÁRQUEZ, 2010, p. 07).

Ao longo daquele dia de seus noventa anos, a personagem principal volta a falar com Rosa Cabarcas e marca, definitivamente, o seu encontro com a jovem, como diz ele, para “alívio da minha consciência” (MÁRQUEZ, 2010, p. 09). Ademais, ao longo do percurso do enredo, poderá ser notado como o escritor Gabriel García Márquez utiliza-se das descrições dos espaços e das personagens, a começar com a descrição do

próprio protagonista: “Não preciso nem dizer, porque dá para reparar a léguas: sou feio, tímido e anacrônico” (MÁRQUEZ, 2010, p. 08). Esse sujeito anacrônico, como ele mesmo se descreve, se refere diretamente à sua idade e à mudança do século XIX para o século XX, circunstâncias que interferem abertamente na sua vida e, principalmente, na sua profissão de escritor. Porém, a mudança do século remonta uma nova ideia de identidade, mas o conceito de amor não se altera, uma vez que o sentimento amoroso será analisado, desde Platão (2012), como o desejo do bem, da beleza e da felicidade, sentimento que incessantemente rejuvenesce. O que muda, de fato, em cada século, são as afeições amorosas.

Em Platão (2012), a beleza do amor está em encontrar, em si próprio, as coisas sensíveis para que se tornem eternas, em outras palavras, o amor não julgará se a personagem é feia, tímida ou anacrônica, pois caberá somente à personagem principal deixar-se ser amado sem conceder tanta importância à beleza do corpo. Como é possível perceber, no livro *o Banquete* (2012, p. 104), o amor “[...] será conduzido a contemplar a beleza das ações e das leis, a verificar que esta é igual a ela própria em todos os casos e, conseqüentemente, a conceder pouca importância à beleza”.

Este senhor, que se intitula anacrônico, vive solitário e, após quarenta anos de profissão, continua trabalhando como cronista, embora seja aposentado:

Durante quarenta anos fui domador de telegramas do “El Diario de La paz” [...] hoje me sustento, mal ou bem, com minha aposentadoria daquele ofício extinto; me sustento menos com a de professor de gramática castelhana e latim, quase nada com a crônica dominical que escrevi sem esmorecimento durante mais de meio século [...] No dia de meus noventa anos havia recordado, como sempre, às cinco da manhã. Por ser sexta-feira, meu compromisso único era escrever a crônica que é publicada aos domingos no “El Diario de La paz” (MÁRQUEZ, 2010, p. 11).

No dia tão simbólico para ele, o seu aniversário, o tema da crônica foi os seus noventa anos e o texto foi escrito, antecipadamente, às cinco da manhã de uma sexta-feira. Por ser maduro com as suas decisões, ele arquiteta morrer sozinho e, por isso, escolheu como tópicos de sua crônica passagens importantes de sua vida, incluindo a morte: “[...] propus morrer só, na mesma cama em que nasci e num dia que desejo longínquo e sem dor” (MÁRQUEZ, 2010, p. 09). Propõe para si todas as decisões de

sua vida, desde as relações sexuais e amorosas até a forma que deseja morrer, isto é, escreve a crônica dos seus noventa anos refletindo as suas ações enquanto um sujeito que escolhe como se relacionar, como viver e como morrer. Com isso, tenta controlar as suas emoções amorosas, entregando-se às relações sexuais em sua juventude e, só com a velhice, apaixonado por Delgadina, percebe que a sua vida só toma forma no amor.

Contudo, é necessário dizer que este sujeito não entende o amor, pois nunca houvera sentido o sentimento amoroso. E, sobre isso, Barthes (1990, p. 139) em *Fragmentos de um discurso amoroso*, ao falar sobre o tema, enfatiza que o amor só pode ser sentido e não compreendido. Isto é, o amor é, em suma, uma vivência interior e existencial. Este senhor, aos 90 anos, idoso, sente o amor por Delgadina mesmo sem compreender logicamente o que o sentimento representa para si, só o sente e, por isso, a sua vida é moldada pelo amor e no amor. Partindo, então, deste enlace temático, o personagem tenta conduzir a sua vida sem interferências, inclusive, elegendo o lugar que irá morrer e desejando que isso aconteça sem dor, refletindo o seu medo de amar e de sofrer. Do mesmo modo, nas relações amorosas, demonstra o seu temor de perder a liberdade de suas escolhas fugazes.

Cabe, neste momento, discutir um pouco sobre a representação da velhice a partir do protagonista da obra *Memórias de minhas putas tristes*, um sujeito idoso e despotencializado sexualmente que insiste em suas noites de “amor”, mas de amar o corpo nu, sem concretizar nenhum ato sexual. A velhice é representada nesta narrativa como um problema - do ponto de vista biológico - que intensifica a solidão do protagonista; a ele, sem conseguir concretizar os seus desejos eróticos, cabe tão somente amar o corpo nu de Delgadina e enlouquecer perdidamente de amor por esta jovem. Porém, paradoxalmente, quando o amor toma forma, na representação deste sujeito solitário, faz com que ele se potencialize, pois na verdade o que há é tão somente o sentimento que luta contra às razões biológicas que o impulsiona a viver.

O surgimento da velhice carrega impregnado a improdutividade. O velho pode representar, socialmente, um problema para o andamento produtivo da sociedade. Na narrativa de Gabriel García Márquez, também podemos observar este dilema quando, de repente, a crônica dominical do protagonista deixa de ser a “manchete” por uma decisão editorial, pois com a transição do século XIX para o século XX, o gênero já não

representaria algo novo para o jornal *El diario de la Paz*. De todo modo, o que se destaca é que quem escreve o gênero literário para a coluna do jornal é um senhor velho, anacrônico.

É válido dizer que, ao passo das modificações dos séculos, precisamente entre os séculos XIX e XX, o termo “velho” se adequa e se moderniza quando a discussão passa a ser muito mais do que um problema, mas sim uma questão humana e psicológica. No texto “Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento”, escrito pela psicóloga e professora Luna Rodrigues Freitas Silva, a noção de velhice surge em um período de transição entre os séculos XIX e XX e traz várias postulações teóricas, mas o que é válido destacar é que quando as designações mudam ao passo dos séculos, tomando termos mais respeitosos, como idoso, por exemplo, as ideias de improdutividade, decadência física e incapacidade são atualizadas e observadas como termos pejorativos para designá-los.

O corpo velho, assim podemos mencionar, pode não atender às razões biológicas como, por exemplo, em um ato sexual, mas há ali potencialidades que só são descobertas na maior idade e é o caso do protagonista de Gabriel García Márquez que só percebe que ama aos 90 anos de idade, quando se sente em plena consciência de suas escolhas.

Poderemos observar que em dois momentos do enredo há a representação da construção da solidão amorosa na obra *Memórias de minhas putas tristes*, passagens que o encaminham para uma vida solitária, por insegurança ou medo de sofrer: no primeiro trecho, quando a personagem principal diz que nunca ficou com uma mulher sem pagar; e no segundo, que trataremos mais adiante, quando a personagem principal abandona a personagem Ximena no altar para continuar a sua vida solitária, como podemos verificar nas citações que seguem:

Nunca me deitei com mulher alguma sem pagar, e as poucas que não eram do ofício convenci pela razão ou pela força que recebessem o dinheiro nem que fosse para jogar no lixo. Lá pelos meus vinte anos comecei a fazer um registro com o nome, a idade, o lugar, e um breve recordatório das circunstâncias e do estilo. Até os cinquenta anos eram quinhentas e catorze mulheres com as quais eu havia estado pelo menos uma vez. Interrompi a lista quando o corpo já não dava mais para tantas e podia continuar as contas sem precisar de papel. (MÁRQUEZ, 2010, p. 16).

Revista de Letras Norte@mentos

Conforme o fragmento, durante toda a vida, a personagem principal buscou relações sexuais com mulheres diversas, sem qualquer apreço ou tentativa de enamoramento/paixão. Dois elementos ganham destaque nessa configuração dos atos sexuais mencionados: de um lado, o caráter profissional de mulheres que vivem deste sustento, que vendem o corpo para sobreviver, e de outro, o estilo mercantilista e capitalista da personagem principal que investe o seu sustento em sexo. É possível perceber que o protagonista se revela um machista, pois independentemente do prazer que as mulheres sentiam, ele as obrigava a receber o seu pagamento, atacando-as psicologicamente ao fazê-las de prostitutas (pelo fato do recebimento de valores pelo sexo, sem respeitar as decisões delas). Até mesmo o ato de, ao longo da juventude, anotar em um caderno como uma espécie de diário, indicando a quantidade de mulheres com quem esteve, revela seu desprezo com a representatividade feminina, aspecto que vai além de sexo e de corpo.

Por outro lado, ao final da citação, notamos um homem machista derrotado pelo tempo, por questões biológicas, mas que não o distanciam do asqueroso universo machista. O comportamento da personagem parte de duas vertentes, primeiramente a vertente de um homem frágil, inseguro e com medo de sofrer e, em um segundo momento, a ideia de um homem machista, agressivo. O último comportamento, isto é, este homem machista e agressivo, surge em decorrência de sua fragilidade enquanto homem, pois podemos dizer que a violência surge como fraqueza e covardia que se concretizam em atos violentos.

Dialogicamente, tais atos agressivos ocorrem com a relação entre a personagem principal e Damiana, a sua fiel empregada, que mesmo sendo intitulada por ele como “relação”, todos aqueles envolvimento se revertiam em aumentos salariais ao final do mês:

A única relação estranha foi a que mantive durante anos com a fiel Damiana. Era quase uma menina, mais para forte e xucra, de palavras breves e terminantes, que se movia descalça para não me estorvar enquanto eu escrevia. Recordo que eu estava lendo *La lozana andaluza* na rede do corredor, e a vi por acaso inclinada no tanque com uma saia tão curta que deixava a descoberto suas coxas suculentas. Presa de uma febre irresistível levantei-a por trás, baixei suas prendas até os joelhos e avancei pelos fundos. Ai, senhor, disse ela, com um queixume lúgubre, isso não foi feito para entrar, mas para

sair. Um tremor profundo percorreu seu corpo, mas se manteve firme. Humilhado por tê-la humilhado quis pagar a ela o dobro do que custavam as mais caras daquele tempo, mas não aceitou nem um tostão, e tive que aumentar seu salário com o cálculo de uma montada por mês, sempre enquanto lavava roupa e sempre pela retaguarda. (MÁRQUEZ, 2010, p. 17).

Nas relações afetivas entre a personagem principal e quase todas as mulheres da narrativa, o sexo é colocado em pauta como um ato que tem finalidade em si mesmo e não como um sentimento amoroso. Isso nos leva a pensar que tais envolvimento, apenas para sexo, geram na personagem protagonista a ausência de uma companhia fixa e a solidão que se intensificaria aos noventa anos. Por outro lado, nesta cena, a reação de Damiana, sua empregada, deixa em evidência a violência sexual que se estende por anos. Ao penetrá-la, a personagem protagonista sente o tremor do corpo de Damiana que a fez se manter firme ao longo da ação sexual, silenciada. Como forma de pagamento, em uma espécie de absolvição pela possível culpa, pelo ato grotesco que o fez sentir humilhado, o salário de Damiana é aumentado.

Historicamente, a empregada doméstica é estigmatizada e discriminada, impactando as subjetividades e a essência feminina ao ser atacada sexualmente, moralmente, entre outras maneiras de redução social. No romance, o que se revela é o silenciamento de Damiana, em razão disso, falava pouco em seu local de serviço, desempenhando fielmente o papel de subordinada e de dependente daquele emprego. Em razão deste envolvimento sexual, o protagonista do romance intitula a sua relação com Damiana como “estranha”, mas na verdade não havia nenhum estranhamento, o que havia, de fato, era uma humilhação que foi mantida durante anos. Também é possível dizer, neste caso, que o estranhamento se dá pelo envolvimento se prolongar, enquanto que os demais durariam um encontro ou talvez um pouco mais.

Tais atitudes trazem à tona outros temas que podem ser debatidos, tais como: desejo e neurose. O desejo consciente de ter Damiana como um objeto sexual em seus afazeres domésticos, refletindo em aumento salarial e revelando uma vida de fetiches que representa a própria definição de desejo como uma neurose, isto é, pela busca intensa do prazer sexual. Renato Mezan (1990, p. 333), no texto “O estranho caso de José Matias”, expõe uma transcrição da fala de Freud, do capítulo II do artigo, “certos tipos de caráter descobertos pelo trabalho psicanalítico”, [...] para o surgimento da

neurose necessita-se um conflito entre os desejos libidinais de uma pessoa e aquela parte de seu ser a que denominamos seu ego, que é a expressão de suas pulsões [...]”. Em outras palavras, a neurose postulada por Freud, grosso modo, representa o conflito existencial dos desejos inconscientes que se desenvolvem no sujeito em um estado de ansiedade. Queremos então dizer que, mesmo que o abuso sexual com a personagem Damiana seja um ato que se concretizou, o objeto amoroso não foi atingido, a elevação do próprio sentimento amoroso se esvaiu na tentativa de produção de satisfação individual.

A recusa, isto é, negar-se a ter um amor, atitude adotada pela personagem de Gabriel García Márquez é revelada em dor. Em um dos trechos da obra, e em uma consulta médica, ainda no primeiro capítulo, o senhor protagonista vai ao médico com uma dor e diz: “[...] me acostumei a despertar cada dia **com uma dor** diferente que ia mudando de lugar e forma, **à medida que passavam os anos**” (MÁRQUEZ, 2010, p. 13, grifo nosso). Esta dor, mencionada pela personagem principal, pode ser compreendida como o próprio peso da velhice e de seus conflitos, quanto ao seu próprio ser que o adocece em consequência da recusa que ele tem por sua idade e pelas limitações biológicas. Além disso, revela-se uma dor existencial que o está levando para um meio de solidão. Em realidade, essa dor sem qualquer explicação é uma dor psicológica, uma dor de ser um senhor em constante estado de solidão.

É, então, imerso nos constantes conflitos e memórias que resultam em uma solidão de alma, pois é uma solidão poética que surge em meio a uma narrativa literária sobre os seus 90 anos, que o protagonista informa ao leitor o título da crônica que sairia no dia do seu aniversário: “[...] Algumas vezes pensei que aquelas contas de camas seriam uma boa base para uma lista das misérias da minha vida extraviada, e o título me caiu do céu: Memória de minhas putas tristes” (MÁRQUEZ, 2010, p. 18). Em um primeiro momento, poderíamos pensar que o protagonista revelaria as memórias de suas amantes, mas o que se desponta são as memórias de um senhor já velho, carregado de dores existenciais que se estendem até a sua profissão. Além do mais, ele integra a representação social de uma puta triste, na medida em que vaga por entre suas experiências sexuais e esses momentos compõem a sua própria história, com os desalentos que a vida trouxe.

No próprio romance, o senhor revela a explicação sobre o título que o coloca como uma destas putas: “Algumas vezes pensei que aquelas contas de camas seriam uma boa base para uma lista das misérias da minha vida extraviada” (MÁRQUEZ, 2010, p. 17-18). Ele pontua a base para o título da crônica ao refletir sobre a sua vida extraviada, em várias camas e misérias distintas. Coloca-se, sobretudo, como a base principal dos (des)prazeres, regido pela busca de satisfação e realização pessoal de seus desejos libidinais.

Outra questão que o romance nos leva a pensar é sobre a solidão de ser professor e de ser escritor, uma vez que ele narra a sua história enquanto atuava como docente:

Fui um mau professor, sem formação, sem vocação nem piedade alguma por aqueles pobres meninos que só iam à escola por ser o jeito mais fácil de escapar da tirania dos pais. A única coisa que pude fazer por eles foi mantê-los debaixo do terror de minha régua de madeira para que pelo menos levassem a lembrança do meu poema favorito: Estes, Fabio, ó dor, **que vês agora, campos de solidão, desolados outeiros, foram noutro tempo a Itália famosa. Só depois de velho fiquei sabendo, e por casualidade, do apelido malvado que os alunos me puseram pelas costas: Professor Desolado Outeiro.** (MÁRQUEZ, 2010, p. 19, grifo nosso).

Este senhor que, sem vocação, atua como professor e revela os seus campos de solidão, intitulado pelos alunos como professor desolado outeiro, é o mesmo que vive a sua vida de misérias, lembrando os seus conflitos sexuais na crônica dominical. A solidão é representada como uma decorrência da forma como ele exerceu a sua prática docente, ou seja, incapaz de aproximar os seus alunos ao seu universo enquanto professor, fazendo com que o seu individualismo distanciasse ainda mais o estudante. Com isso, a entrada no mundo da escola pelo acolhimento, pelo afeto e cumplicidade, de forma harmoniosa, em que poderia torná-lo em um sujeito menos solitário, na verdade revela seus campos de solidão e individualismo.

Após essa explanação de algumas inquietações sobre a temática do romance e a apresentação do protagonista, podemos discutir o desenrolar do enredo. Nesse sentido, é possível observar o estilo sistemático deste senhor e o que ele demonstrava para as outras pessoas sobre o quanto ele seria “investidor do amor”, mas não um investidor do sentimento amoroso, isto é, sua ênfase estava restrita ao terreno privilegiado dos seus

desejos. No primeiro capítulo da obra, notamos algumas descrições da cena de seu primeiro encontro com Delgadina e, obviamente, as negociações com Rosa Cabarcas para aquele investimento:

Eu me vesti de acordo com a ventura da noite: o terno de linho branco, a camisa de listas azuis de colarinho acartolinado com goma, a gravata de seda chinesa, as botinas remoçadas com parafina e o relógio de ouro de lei com a corrente abotoada na casa da lapela. No final dobrei para dentro as barras das calças para que ninguém notasse que com a idade eu diminuía quatro dedos. (MÁRQUEZ, 2010, p. 24).

A descrição de sua roupa: terno de linho branco, camisa de listas azuis, entre outras características que estão presentes neste fragmento, remontam um processo de enamoramento, levando o leitor a sugerir um possível início de envolvimento afetivo, em que o amante veste a sua melhor roupa para conquistar a amada. Ao mesmo tempo, quando refletimos sobre suas atitudes com a empregada Damiana, a personagem se mostra contraditória. Indo além das descrições de sua roupa, a personagem principal descreve as sensações que o invadiram no horário marcado do encontro: “Senti a fisgada do pânico e ao primeiro badalar das oito desci tateando as escadas nas trevas, suando de medo, e saí para a noite radiante de minha celebração” (MÁRQUEZ, 2010, p. 25).

O poeta Ovídio, no livro *A arte de amar* (2006), descreveu as sensações e dicas amorosas para os primeiros encontros, com sugestões de como os homens deveriam lidar com o sentimento amoroso e as táticas de conquista. Desse modo, em muitos trechos da obra, podemos notar a preocupação do poeta em evidenciar como manter o amor e como atuar, sem cometer erros, nesse processo de conquista, é, então, que em uma das passagens Ovídio pontua “Se, como é comum, a poeira vier a cair sobre o peito da bela, que seus dedos a removam; se não houver poeira, remova do mesmo modo a que não existe: tudo deve servir de pretexto aos cuidados” (OVÍDIO, 2006, p. 23). Ainda sobre a discussão a respeito de conquista e planejamento, o poeta menciona que toda conquista e processo de sedução de um objeto desejado é banal e egoísta, sobretudo, por pensar em como conquistar e não, propriamente dito, no objeto. O objetivo é tão somente usurpar aquele objeto sem a pretensão de saber como o amante se sente.

Na obra *Memórias de minhas putas tristes*, essencialmente neste caso de Delgadina, o processo de conquista acontece em vários encontros e transforma-se em um sentimento de compromisso e apego que, conseqüentemente, gera no narrador a sensação de abandono, de traição e até mesmo a solidão que é drasticamente intensificada por outros sentimentos existenciais. De todo modo, toda essa relação em sua noite de aniversário soa como um ar de mistério e perigo, uma vez que a casa de Rosa Cabarcas se tornara um lugar de mortes, conforme descreve a personagem do taxista, ao conduzi-lo ao encontro amoroso: “Tome cuidado, senhor, que a casa de Rosa Cabarcas já não é nem sombra do que foi” (MÁRQUEZ, 2010, p. 26). O senhor já havia visitado aquele prostíbulo diversas vezes, mas só retornara depois de anos, no dia de seu aniversário. Obviamente, arrebatada de desejo pela jovem Delgadina, a personagem principal não fica atenta às questões de vida ou morte, aquele momento era o dia de um de seus maiores investimentos e, ainda, era o seu aniversário:

A menina estava no quarto desde as dez, me disse; era bela, limpa e bem-educada, mas estava morrendo de medo, porque uma amiga dela que escapou com um estivador de Gaya em duas horas tinha sangrado sem fim [...] Pobrezinha, além de tudo tem de trabalhar o dia inteiro pregando botões numa fábrica. (MÁRQUEZ, 2010, p. 29).

O medo da jovem de 14 anos é notado pelo protagonista, esse receio havia sido mencionado por Rosa Cabarcas, da mesma forma como ela havia falado sobre seus atributos físicos. Como já aludido, a personagem Rosa Cabarcas é uma das grandes figuras desta obra, pois ao longo de todo o enredo ela surge em conversas com a personagem protagonista. Observemos, no entanto, as descrições de Delgadina como uma jovem que estava morrendo de medo, é bem educada e foi comprada para aquele momento de sexo com um senhor de idade. Ela é vendida, aparentemente, por necessidade, uma vez que não passa de uma criança que trabalha o dia inteiro para ter a sua própria renda.

Um outro ponto a se comentar são as descrições sobre Rosa Cabarcas feitas pela personagem principal: “Mas a solidão tinha diminuído seu corpo, havia acanelado sua pele e aveludado sua voz com tanto engenho que parecia uma menina velha” (MÁRQUEZ, 2010, p. 27). Ou seja, a amizade e a parceria seriam de anos, e Rosa lucrava dessa amizade muito mais do que as amantes da personagem protagonista.

Bauman, no livro *amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), ao falar da urgência das relações rápidas, associa o sexo como uma ação mercadológica, ou seja, homens e mulheres poderiam ser acionistas de uma bolsa de valores e, do mesmo modo, comparativamente, seriam acionistas de relacionamentos. Nesta narrativa, o protagonista seria, por sua vez, um acionista, como discorre Bauman (2004, p. 29), ao comparar as relações fugazes com o mercado capitalistas: “É assim também com outro tipo de ações, os relacionamentos”.

A solidão de Rosa Cabarcas é observada pelo protagonista através dos sinais do tempo em seu corpo já desgastado por anos de luta, na casa clandestina, e de vivências amorosas. Obviamente, o tempo também é um dos fatores que leva o senhor, protagonista de *Memórias de minhas putas tristes*, a um estado semelhante ao que vivia Rosa, pois neste meio de investimentos de corpos e sexo, o desgaste de dinheiro e esforços para conseguir sempre o melhor produto gera o lucro, mas a longo prazo este investimento nem sempre gratifica os sujeitos da maneira esperada, ou seja, o ápice do desejo tão ambicionado. Os investimentos em relacionamentos fugazes com prostitutas não levam a um compromisso, o lucro é tão somente a obtenção fugaz daqueles curtos intervalos de tempo, e com a idade o corpo já não corresponde aos prazeres por uma questão biológica, gerando, então, a perspectiva de duração perene irrelevante.

Rosa Cabarcas sempre dopava as jovens garotas com uma poção de valeriana para tranquilizá-las e, logo ao entrar, o senhor encontra a jovem Delgadina totalmente deitada: “[...] continua dormindo, disse. Você faria bem deixá-la descansar tudo o que o corpo pedir, sua noite é mais longa que a dela” (MÁRQUEZ, 2010, p. 31), falava, então, Rosa ao protagonista do romance. O que se nota, no decorrer da obra, são mais descrições da jovem moça:

Era morena e morna. Tinha sido submetida a um regime de higiene e embelezamento que não descuidou nem os pelos incipientes de seus púbis. Haviam cacheado seus cabelos e tinha nas unhas das mãos e dos pés um esmalte natural, mas a pele cor de melão parecia áspera e maltratada. **Os seios recém-nascidos ainda pareciam de menino, mas viam-se urgidor por uma energia secreta a ponto de explodir.** O melhor de seu corpo eram os pés grandes de passos sigilosos com dedos longos e sensíveis como se fossem de outras mãos. (MÁRQUEZ, 2010, p. 31-32, grifo nosso).

É notável como a natureza de uma descrição fria, por parte da personagem protagonista, detalha o corpo daquela presa que foi capturada pela sua história de luta e pobreza. De tão jovem, ela ainda era uma criança com o corpo em transformação, fazendo-o comparar os seios de Delgadina aos de um recém-nascido ou aos seios de um menino. A história de vida da jovem Delgadina, como assim ele a chama, remonta a um cenário de luta e de pobreza: “[...] tudo tão barato e envelhecido pelo uso que não consegui imaginar ninguém tão pobre como ela” (MÁRQUEZ, 2010, p. 33). Em suas conjecturas, a pobre moça, ainda muito criança, luta por condições mais dignas e por isso inicia a vida como prostituta, como uma espécie de desespero financeiro e, muito além deste pensamento, podemos sugerir que estes relances são o que, justamente, levam o protagonista a conhecê-la melhor, seja para amá-la ou para aproveitar os momentos.

Importante ressaltar que neste dia, exatamente nestas cenas do primeiro encontro, ele se sentia humilhado e triste: “[...] perguntei-me de que adiantaria despertá-la, humilhado e triste do jeito que me sentia” (MÁRQUEZ, 2010, p. 34). Parece-nos que, no quarto, a solidão que já existe nele produz esse sentimento de tristeza e de insegurança, por ser um senhor experiente, ter noventa anos, com as suas questões de corpo e de memória. O que ele vive é um estado de enamoramento, localizado no campo das ideias, do irrealizável pois, por não ter condições para o sexo, é criada uma ilusão com a jovem moça, reforçando o seu estado de solidão e de humilhação. De todo modo, como postula o próprio Barthes (1990), os relacionamentos geram a mesma sensação de insegurança como a solidão, e o protagonista, criando muitas situações em sua memória, naquele dia especialmente, desaba em um misto de ansiedade provocado pela insegurança e pela solidão herdadas de relacionamentos fugazes.

Podemos ainda imaginar que o fracasso deste dia ocorre por suas limitações biológicas, isto é, a sua impotência sexual por ser um sujeito já velho e ligado à comunicação, sem acordá-la, conservando o silêncio, restava tão somente tocá-la e ser ignorado, enquanto a jovem moça poderia estar sonhando:

Acordei de madrugada sem me lembrar onde estava. A menina continuava dormindo de costas para mim em posição fetal. [...].

Ignorava as manhas da sedução e sempre tinha escolhido ao acaso as noivas de uma noite, mais pelo preço que pelos encantos, e fazíamos amores sem amor, meio vestidos na maior parte das vezes e sempre na escuridão para imaginar-nos melhores. Naquela noite **descobri o prazer inverossímil de contemplar, sem as angústias do desejo e os estorvos do pudor, o corpo de uma mulher adormecida.** [...] dona e absoluta da virgindade. Que Deus a conserve, disse a ela. Todo dinheiro que me sobrava, o dela. (MÁRQUEZ, 2010, p. 35-36, grifo nosso).

O encontro, no seu aniversário, com a personagem Delgadina revigora sentimentos de expectativa e frustração. Ao longo da noite, mitigou atenção, mas no decorrer daquele encontro são reforçados os sintomas de uma vida já vazia e talvez tenha intensificado ainda mais a sua insegurança com as questões da idade e com a sua vida de escritor. Aquela noite de encontro, puramente para o sexo, faz com que ele descubra um prazer inverossímil de contemplação, ou seja, de idealização pelo corpo daquela jovem sem as angústias do desejo e do pudor. Poderíamos pensar que ao refletir sobre “não sentir as angústias do desejo” o protagonista aceita a sua condição biológica e, em razão disso, resta a contemplação do objeto amoroso, mas o fim do desejo não é a consumação do ato sexual, mas o movimento de sua própria consciência que encontra o fim em si.

No devaneio de admiração pelo corpo da jovem, ele fala sobre a virgindade de Delgadina: “[...] dona e absoluta da virgindade” (MÁRQUEZ, 2010, p. 36). Em diálogo com este fragmento literário, nos remetemos diretamente aos postulados teóricos de Antony Giddens (1993), ao falar sobre a perda da virgindade no século XX, obviamente, partindo de pesquisas em contexto social, constata-se que o tabu sobre a virgindade toma discussões diferentes a partir do gênero, ou seja, para os homens a perda da virgindade seria um ganho, considerado pelo autor como um “talismã que aponta para o futuro” (GIDDENS, 1993, p. 61). Em contrapartida, a ideia de iniciação sexual na adolescência para o gênero feminino era permeada de vários questionamentos sobre a sua vida futura, em possíveis casamentos e, neste experimento, a experiência sexual, para as mulheres, atuava como uns testes para verificarem se alcançariam um relacionamento perene e tipicamente idealizado para a época.

Por outro lado, se exclui nesta discussão as mulheres do século XX que não teriam sequer sustento para manter as suas famílias, ou seja, as mulheres pobres e de

periferia, que é o caso da personagem Delgadina, pois não há qualquer posicionamento da personagem sobre a idealização do seu futuro ao lado de um homem ou discussões sobre um casamento frutífero e com filhos. Claramente, tal discussão se encaixa para uma parcela da sociedade do século XX que impulsionava as mulheres de famílias ricas ao casamento com os grandes senhores de maior poder aquisitivo. Desta feita, o protagonista, desse romance de Gabriel García Márquez, atua tão somente como um arrendatário, ou seja, apenas alugava o seu produto (Delgadina) por algumas horas, mas sem nenhuma pretensão de fidelidade e de duração, embora colhendo os frutos desse “aluguel” – pensando na lógica capitalista –, assim como na ideia geral da etimologia da palavra arrendatário.

Outro tópico destacado no início da análise, que apontamos também como uma marca pessoal para a construção de sua solidão, é o fato de o protagonista escolher viver sem um compromisso durante a sua juventude e tal escolha acontece justamente quando ele deixa a personagem Ximena no altar, continuando as suas buscas por relações rápidas e descompromissadas. Na velhice, não há um momento de arrependimento, porém, no capítulo 2, ao falar sobre Ximena podemos pensar que as suas memórias o levam, propositalmente, para o encontro com a sua solidão e os seus vazios. O relacionamento com Ximena Ortiz inicia quando ele encontra Ximena nua:

[...] surpreendi nua Ximena Ortiz, a menor de suas filhas, que fazia a sesta na alcova contígua. Estava deitada de costas para a porta e virou-se para me olhar por cima do ombro com um gesto tão rápido que não me deu tempo de escapar. Ai!, perdão, consegui dizer com a alma na boca. Ela sorriu, virou-se para mim com um ar de gazela e mostrou-se para mim de corpo inteiro. Cada palmo do quarto parecia saturado de sua intimidade. [...] Fechei a porta de um golpe, envergonhado com a minha imprudência, e com a determinação de esquecê-la. Mas Ximena Ortiz não deixou. Por meio de amigas em comum me mandava recados, epístolas provocadoras, ameaças brutais, enquanto espalhava-se a voz de que estávamos loucos de amor um pelo outro sem que tivéssemos trocado uma palavra sequer. Foi impossível resistir. [...] Nunca consegui sufocar o fogo de sua lembrança na cama de Pradomar, e assim entreguei-lhe minhas armas, com pedido formal de mão, troca de anéis e anúncio de boda antes de Petencostes. (MÁRQUEZ, 2010, p. 40-41).

Totalmente cercado por Ximena e sem encontrar uma solução para o dilema do que estava acontecendo, ele se permite viver sem qualquer compromisso com ela. Por

outro lado, Ximena se lança na relação com a intenção de relacionamento sério que os levasse ao altar, e as suas provocações são descritas como brutais, mesmo assim, segue o noivado:

Aos dois meses de noivado não tínhamos do que falar, e ela propôs o tema dos filhos sem dizer nada, tecendo botinhas de crochê em lã crua para recém-nascidos. Eu, noivo gentil, aprendi a tecer com ela, e assim se foram as horas inúteis que faltavam para o casamento, eu tecendo as botinhas azuis para meninos e ela tecendo as cor-de-rosa para meninas, para ver quem acertava, até que chegaram a ser suficientes para mais de meia centena de filhos. Antes que dessem as dez da noite eu subia numa charrete puxada a cavalo e ia para o Bairro Chinês viver minha noite na paz de Deus. (MÁRQUEZ, 2010, p. 42).

Entendemos, portanto, a partir desse trecho, que há marcas da ideia de amor idealizado, pois a menção aos futuros filhos, o crochê das botinhas é o suficiente para pensarmos em um enlace matrimonial que se filia à ideia de amor romântico discutido por Giddens (1993), em especial, ao conceito de um amor por conveniência. É lícito dizer, com base neste pesquisador e em seus princípios teóricos, que a ideia de um amor sublime segue oposta ao ardor sexual que é marca do amor apaixonado – nele se estrutura, na realidade, a ideia de amor contratual, de casa e de filhos. É imprescindível complementar que o desejo sexual é amplamente substituído pelo cuidado à família, à casa e aos negócios, elementos incorporados na relação amorosa. Entretanto, o amor romântico tem em suas raízes “o amor à primeira vista”, por isso não extingue completamente o desejo carnal, mas tende a separar as “compulsões sexuais/eróticas do amor apaixonado” (GIDDENS, 1993, p. 51).

Partindo para outro norte analítico, observamos como o protagonista anseia ou deseja por sua autoidentidade na despedida de solteiro, levando-o a desistir deste ato simbólico com Ximena:

As tempestuosas despedidas de solteiro que me faziam no Bairro Chinês iam na contramão dos serrões opressivos do Club Social. O baile de véspera no El Poder de Dios incluiu uma cerimônia final que só podia ter sido ideia de um padre galego encalhado na concupiscência, que vestiu a mulherada com véus e botões de flor de laranjeira, para que todas se casassem comigo num sacramento universal. Foi uma noite de grandes sacrilégios em que vinte e duas delas prometeram amor e obediência e respondi prometendo fidelidade e sustento até o além-túmulo. (MÁRQUEZ, 2010, p. 40).

Vimos neste trecho a própria representação de como se daria o relacionamento no viés do amor idealizado, isto é, a representação social do casamento, naquele bordel, com várias mulheres só intensifica a ideia de que casar é puramente um contrato social: em casa, os laços contratuais são mantidos; fora de casa, o contrato é com o desejo. Neste ensejo, ele escolhe casar com vinte e duas mulheres, no baile que antecede seu casamento com Ximena. É essa a peregrinação da mulher aos moldes do amor idealizado, ou seja, a mulher ficaria em casa idealizando a vida a dois, o homem, por sua vez, viveria sua vida longe do ambiente doméstico e, sobretudo, manteria relações prazerosas fora do casamento.

Notadamente, este baile de véspera, no “El Poder de Dios”, que incluiu uma cerimônia simbólica com 22 mulheres, marca, em nível comparativo, o que seria o amor paixão. Pois o amor paixão não atende aos pré-requisitos impostos pela sociedade desde o século XVIII, cabendo ao amor romântico aderir às convenções sociais de família e negócio. Nos dois tipos de amor, conforme Giddens (1993), imperam distintos caminhos: o amor romântico que preza por uma “história compartilhada” e o amor paixão que visa à satisfação erótica dos desejos. Entretanto, notamos que o amor paixão também está presente nas construções do amor romântico, mas não com a mesma finalidade, em razão do próprio sentido social do amor romântico que resulta na formação de famílias e deixa em segundo plano as sensações de prazeres.

O sentimento de solidão que se intensifica a partir das várias sensações interfere ainda mais o quão solitário são os sujeitos, ou seja, desde a sua instituição. Sobretudo, se pensarmos na filosofia de Platão (2012), na ideia de que somos tomados por uma falta existencial, que só é capaz de ser preenchida com aquilo que não está em nós. Aquilo que não está em nós reforça, ainda mais, o nosso entendimento de que a solidão é por si só algo já pré-existente no momento em que tentamos nos identificar no outro até o surgimento de perda. Esta personagem perdida e presa em suas memórias solitárias, carrega essas lembranças e as revela através dos relatos feitos no último capítulo do romance, sobretudo ao reencontrar Casilda Armenta, um velho amor, como ele mesmo diz:

Ela sentiu, viu meus olhos úmidos de lágrimas, e só então deve ter descoberto que eu já não era o que fui e sustentei seu olhar com uma

foragem da qual nunca me achei capaz. É que estou ficando velho, disse a ela. Já ficamos, suspirou ela. Acontece que a gente não sente por dentro, mas de fora todo mundo vê. (MÁRQUEZ, 2010, p. 109)

É, então, uma brilhante jogada finalizar a obra *Memórias de minhas putas tristes*, trazendo para o enredo um de seus primeiros casos de amor, como ele mesmo descreve: uma jovem que o acolheu em seus braços desde adolescente. O protagonista reencontra Casilda em um ônibus, na ocasião, ele está triste por perder Delgadina e imaginá-la com outros homens e, além disso, já não encontrava mais a inocência daquela adolescente que pregava botões. Nesse ponto da narrativa, metaforicamente, ele está novamente nos braços de um de seus primeiros amores, abre o seu coração para contar toda a história do que aconteceu e o que ainda ardia em suas entranhas, relatando desde o primeiro telefonema a Rosa Cabarcas, no dia de seu aniversário, até o dia em que ele abandona Delgadina, conforme fragmento a seguir:

Ela ouviu meu desabafo como se estivesse vivendo tudo aquilo, ruminou muito devagar, e enfim sorriu. – Faça o que você quiser, mas não perca essa criança – disse. – Não há pior desgraça que morrer sozinho. [...] Então, vá correndo procurar essa pobre criatura mesmo que seja verdade o que dizem os seus ciúmes, não importa, o que você viveu ninguém rouba. Mas, isso sim, sem romanticismos de avô. Acorde a menina, fode ela até pelas orelhas com essa pica de burro com que o diabo premiou você pela sua covardia e mesquinhez. (MÁRQUEZ, 2010, p. 111).

Ao ouvir todo o relato, Casilda Armenta aconselha que ele volte para os braços da jovem Delgadina e faça o que ele desejar com ela, mas com cuidado para não a perder. Essa fala da personagem nos dá a ideia de que a felicidade está atrelada à possibilidade de encontrar o gozo em uma vida plena, independentemente das problemáticas que poderão surgir. E, em razão disso, ela orienta o protagonista que volte para Delgadina. Então, ele liga para Rosa Cabarcas e pergunta sobre Delgadina: “Ai, meu sábio triste, suspirou com seu espírito invencível, você perde dois meses e só volta para pedir ilusões” (MÁRQUEZ, 2010, p. 112).

Rosa Cabarcas inicia a sua resposta o chamando de “sábio triste”, retoma nesta fala aquilo que já refletimos ao longo da análise, isto é, com o tempo, as amarguras do protagonista, alimentadas pelas suas escolhas, principalmente o seu egoísmo, fizeram dele um senhor com muitas experiências pessoais, mas que vive uma tristeza de alma

por não sentir a completude em uma relação amorosa. Distante do bordel durante dois meses, Rosa não deixa de reforçar que o sentimento amoroso que ele criou é tão somente uma ilusão e, muito além disso, o próprio bordel representa socialmente o retorno deste senhor ao mundo ilusório do amor ou ao seu mundo egoísta.

Das várias formas de solidão, embora existam diversas abordagens teóricas e metodológicas sobre o sentir-se só, conforme Félix Neto e José Barros, em “Solidão em diferentes níveis etários” (2001), uma delas nos interessa, que é a relação da solidão e a satisfação com a vida. Ao pensarmos nas discussões voltadas para a psicologia social, detalhadas neste artigo, observamos que no romance *Memórias de minhas putas tristes* a solidão amorosa sempre está atrelada a uma busca por satisfação de vida, de conquistas. E essa tentativa de retornar a encontrar a jovem Delgadina tem relação com a ideia de satisfação com a vida, ou seja, de uma concepção global de qualidade de vida. Conforme os autores do artigo, essa satisfação com a vida se relaciona ao bem-estar de sentir-se desejável e, ao mesmo tempo, a um bem-estar subjetivo, pois está atrelado ao julgamento de terceiros, interligando, então, a qualidade do relacionamento social. Neste viés, a solidão se enquadraria no tipo emocional, em que o sujeito está insatisfeito com as suas relações íntimas e pessoais.

Esta solidão emocional é percebida e intitulada em nossa pesquisa como solidão amorosa, pois além de estar insatisfeito com as relações íntimas e pessoais o que sobressai é a solidão no amor, especificamente no campo das ideias e da subjetividade do protagonista, condição que tem origem no seu egoísmo. Em nossa perspectiva, o seu egoísmo é o sentimento que leva o protagonista à solidão, bem como o leva para o seu objeto amoroso e o faz perceber que em Delgadina pode ser encontrada a sua própria completude.

Um caminho conclusivo

Concluimos, portanto, que muito além dessa discussão sobre o amor, e como já mencionado, a busca do protagonista é pela sua autoidentidade, pois é esse o desejo dos homens nessa transição do século XIX e século XX, como proposto por Giddens (1993). Tal desejo refere-se não ao casamento, mas à tendência do desenvolvimento da modernidade em que se pensa no futuro, isto é, no progresso em relação ao trabalho e a

sua independência financeira, já o lado emocional masculino, conforme o autor, permanecia em seu inconsciente. Desse modo, e dialogando com os preceitos teóricos, acreditamos que a personagem principal do romance *Memórias de Minhas putas tristes*, homem já maduro, escolhe a sua vida de trabalho e independência financeira sem pensar nas consequências de sua solidão. Essa passagem de tempo foi crescendo enquanto ele continuava escrevendo as crônicas dominicais, inclusive, as crônicas, com o progresso, foram sendo enquadradas como um gênero fora do percurso capitalista.

Referências

BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fonseca, 2003.

BARROS, José; Neto, Félix. Solidão em diferentes níveis etários. *In: Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*. Portugal: Universidade do Porto, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Memórias de minhas putas tristes*. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MEZAN, Renato. O estranho caso de José Matias. *In: Novaes, Adauto (org.). O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

OVÍDIO. *A arte de amar*. Tradução de Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução, apresentação e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.

Recebido em 04/01/2023

Aprovado em 10/05/2023